

Análise MENSAL

Feijão

JANEIRO DE 2018

1. MERCADO NACIONAL

1.1 FEIJÃO COMUM

De acordo com levantamento realizado junto as principais regiões de produção, nos estados do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás, a comercialização da nova safra segue lenta, devido ao pouco interesse dos compradores.

A mesma situação vem ocorrendo em São Paulo onde os corretores da “Bolsinha”, principal centro de formação de preços do produto, alegam um fraco giro da mercadoria, com sobras diárias de amostras que circulam nas mãos dos comerciantes, o que demonstra pouco interesse na aquisição do produto ofertado, principalmente do grão de qualidade inferior (manchados, brotados, deformados, elevada umidade e bandinhas).

Ao que tudo indica, ninguém está disposto a empatar capital na formação de estoques, mesmo que seja pequeno, apesar das notícias de que a safra deve ser menor do que a esperada, devido não somente pela redução da superfície cultivada, mas principalmente pela queda na produtividade em razão das más condições climáticas observadas em quase todos os estados da Região Sul do país, durante o “pico” de colheita, comprometendo ainda mais a qualidade do grão novo, o mais disputado pelas indústrias de empacotamento.

Nas zonas de produção a oferta do tipo extra está escassa, e a maior parte do volume ofertado é de produto comercial. Os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores. Eles estão apreensivos com a atual condição de preços que, em parte, significa prejuízos para alguns que investiram na cultura, procurando realizar todos os tratamentos culturais exigidos pela cultura, visando manter a qualidade do grão.

No Sul do país a 2ª safra está em curso, ocupando cerca de 25% da área estimada

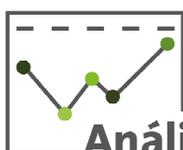
para o plantio. A tendência é que a superfície a ser cultivada fique em torno de 10% abaixo da safra anterior, em razão dos baixos preços de comercialização. Caso as condições climáticas sejam adequadas, a produção poderá até superar a safra pretérita que foi prejudicada pelo excesso de chuvas na colheita.

Por outro lado, os compradores continuam brigando por melhores preços (mesmo com diferencial da qualidade), alegando dificuldades no repasse de qualquer elevação na atual conjuntura.

A comercialização vem enfrentando o mesmo gargalo, qual seja, o varejo. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda são baixos, com o risco de o produto ficar mais caro diante do quadro de oferta mais apertado.

Segundo indústrias de empacotamento, qualquer elevação nos preços de mercado só deverá ocorrer se houver um aquecimento na demanda, e isso no momento deve ser descartado pelo fato de que estamos numa época de baixo consumo ocasionado pelo período de férias escolares.

Cabe frisar que, com as cotações em declínio, muitos comerciantes usam a estratégia de escalonar as compras na expectativa de valores mais em conta, e o mercado dá sinais de enfraquecimento em face da baixa qualidade do grão e da concentração da colheita no Sul do país. No Paraná, as adversidades climáticas verificadas em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita, além de ter afetado a qualidade do produto, deve resultar numa expressiva quebra da produção. Provavelmente, em fevereiro deve ocorrer uma melhor



Análise MENSAL

Feijão

JANEIRO DE 2018

demanda, e o volume colhido na 1ª safra seja insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma recuperação dos preços ao produtor.

Desta forma, depois do carnaval, quando o consumo voltar à normalidade e o quadro de oferta ficar mais definido, é que poderemos ter uma melhor avaliação do comportamento dos preços do produto.

1.2 FEIJÃO PRETO

No mercado atacadista de São Paulo os preços apresentaram uma forte elevação, em vista do controle das ofertas e, principalmente, do excesso de chuvas que limitou a quantidade de produto de boa qualidade, destinada ao mercado.

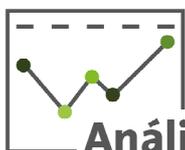
A 1ª safra se encontra no “pico” da colheita. Quanto a 2ª safra, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo, no Paraná, cerca de 25% da área estimada ao cultivo. As lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

QUADRO 1 – FEIJÃO 1ª SAFRA – COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO – SAFRAS 2016/17 E 2017/18

Região/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 16/17 (a)	Safra 17/18 (b)	VAR % (b/a)	Safra 16/17 (c)	Safra 17/18 (d)	VAR % (d/c)	Safra 16/17 (e)	Safra 17/18 (f)	VAR % (e/f)
Norte	4,8	6,1	27,1	649	703	8,2	3,1	4,3	38,7
TO	4,8	6,1	27,1	649	703	8,2	3,1	4,3	38,7
Nordeste	490,2	428,9	(12,5)	453	350	(22,8)	222,1	150,0	(32,5)
MA	36,4	37,4	2,7	570	580	1,8	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	221	(24,8)	66,7	52,0	(22,0)
BA	226,9	156,2	(31,2)	594	489	(17,7)	134,7	76,3	(43,4)
Centro-Oeste	81,5	81,7	0,2	2.203	2.328	5,7	179,5	190,2	6,0
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
Sudeste	247,3	243,4	(1,6)	1.651	1.696	2,7	408,3	412,7	1,1
MG	161,0	158,8	(1,4)	1.213	1.305	7,6	195,2	207,3	6,2
SP	81,1	79,4	(2,1)	2.552	2.514	(1,5)	207,0	199,6	(3,6)
Sul	287,2	292,3	1,8	1.907	1.701	(10,8)	547,6	497,1	(9,2)
PR	194,1	199,8	2,9	1.880	1.598	(15,0)	364,8	319,2	(12,5)
SC	51,3	53,0	3,3	2.160	1.979	(8,4)	110,8	104,9	(5,3)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.847	7,3	72,0	73,0	1,4
Norte/Nordeste	495,0	435,0	(12,1)	455	355	(22,1)	225,2	154,3	(31,5)
Centro-Sul	616,0	617,4	0,2	1.843	1.782	(3,3)	1.135,4	1.100,0	(3,1)
Brasil	1.111,0	1.052,4	(5,3)	1.225	1.192	(2,7)	1.360,6	1.254,3	(7,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em fevereiro/2018.

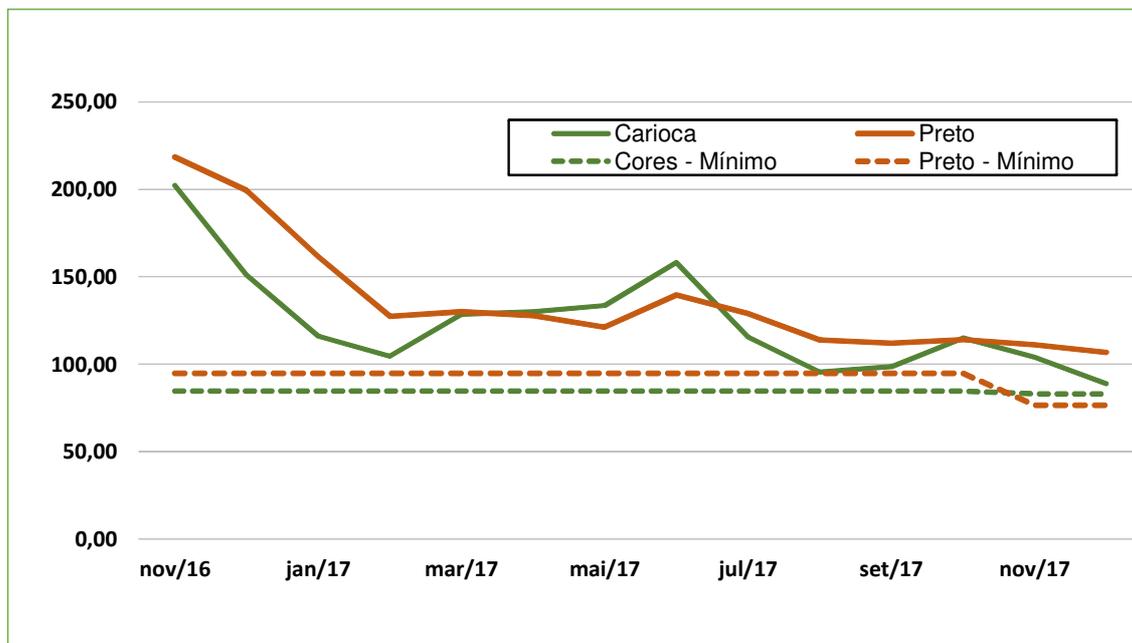


Análise MENSAL

Feijão

JANEIRO DE 2018

GRÁFICO 1 – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ – R\$/60 KG



Fonte: Conab

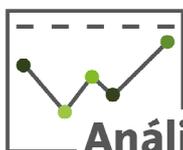
1.3 SUPRIMENTO

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em função do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Desta forma prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da

Conab chega em uma produção média de 3.280,0 mil toneladas, o que representa uma variação negativa de 3,5% em relação à temporada 2016/2017.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3.3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 125,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 235,5 mil toneladas, o que corresponde a cerca de 1 (um) mês de consumo.



Análise MENSAL

Feijão

JANEIRO DE 2018

QUADRO 2 – SUPRIMENTO DE FEIJÃO - EM MIL TONELADAS

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
2017/18(*)	310,5	3.280,0	120,0	3.710,5	3.300,0	125,0	285,5

Fonte: Conab/Secex

1.4 RENTABILIDADE

No do Sul Brasil, o excesso verificado desde a última semana de dezembro e em, praticamente, todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita da safra das águas, além de prejudicar o rendimento das lavouras, afetou a qualidade do produto que, em muitos casos, apresentaram grãos manchados, deformados e com elevado grau de umidade.

Nos Estados do Paraná e Santa Catarina, de acordo com a pesquisa realizada pela Conab no período de 21 a 27 de janeiro/18, as quebras na produção foram de, respectivamente, 9,8% e 0,03%, em relação à dezembro/18, o que representa, uma redução de 38 mil toneladas. No entanto, esse montante tende a ser mais elevado, e será avaliado com maior precisão no próximo levantamento de campo previsto para o mês de março/18.

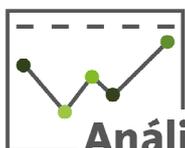
Por outro lado, na Bahia, notadamente nas regiões Centro Norte, Centro Sul e Vale do São Francisco, a escassez de chuva durante o ciclo da cultura afetou drasticamente o desenvolvimento das lavouras. A colheita terá início neste mês de fevereiro e, a princípio, estima-se uma queda de 18% na produtividade e uma produção menor em 58,0 mil toneladas à registrada na safra anterior.

Com isso, a tendência é de que os preços valorizem, haja vista que o mercado irá trabalhar com um volume de produção bem

abaixo da demanda necessária ao abastecimento interno. Os reflexos deverão ser sentidos no momento da comercialização após o período de carnaval, estimulado pela redução dos preços no varejo e o retorno das férias escolares.

Em Ponta Grossa (PR), o custo médio de produção estimado pela Conab em novembro é de R\$ 2.167,80 por hectare. Considerando uma produtividade média por hectare de 2.000 kg, comercializadas ao preço médio de janeiro estimado em R\$ 90,26/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 3.008,67. Nesta safra, os preços no estado em questão foram comercializados, pelos produtores, entre R\$ 80,00 e R\$ 115,00 a saca, o que representa prejuízos para quem comercializou mercadorias no limite inferior, ou seja aquelas que apresentavam mais defeitos e, por outro lado, uma receita entre R\$ 280,20 e R\$ 1.113,53, para as mercadorias extranovas, de melhor qualidade.

Como exercício, para os meses de fevereiro a maio, trabalha-se com uma recuperação dos preços ao produtor, com o produto girando, no período acima mencionado, com valores em torno de R\$ 120,00/60 kg. Caso se concretize, o agricultor terá em relação ao custo variável de produção uma rentabilidade positiva de R\$ 1.280,20/ha ou R\$ 38,44 por saca.



Análise MENSAL

Feijão

JANEIRO DE 2018

QUADRO 7 – ANÁLISE DE RENTABILIDADE FEIJÃO 1ª SAFRA EM R\$/HÁ – PONTA GROSSA (PR) – BASEADO NO CUSTO DE PRODUÇÃO DE NOV/2018.

Preço (R\$/60kg)	90,26
Produtividade do pacote (kg/ha)	2.000
Análise financeira	
A - Receita bruta (I*II)	2.342,12
B – Despesas:	2.719,80
B1 – Despesas de custeio (DC)	3.068,16
B2 – Custos variáveis (CV)	666,55
B3 – Custo operacional (CO)	288,87
a) – Margem bruta s/ DC (A - B1)	-59,49
b) – Margem bruta s/ CV (A - B2)	2.342,12
c) – Margem líquida s/ CO (A - B4)	2.719,80
Indicadores	
Receita sobre o Custeio (A / B1)	1,28
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	1,11
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	0,98
Margem bruta (DC) / Receita (a / A)	22,15%
Margem bruta (CV) / Receita (b / A)	9,60%
Margem líquida (CO) / Receita (c / A)	-1,98%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

1.5 TENDÊNCIAS DO MERCADO BRASILEIRO

FATORES DE ALTA	FATORES DE BAIXA
Menor área cultivada	Baixo consumo ocasionado pelas férias escolares
Produção estimada, até o momento, inferior a 100 mil toneladas a colheita registrada em 2017	Concentração da colheita no Sul do país
Expectativa: Preços mais valorizados após o carnaval.	

2. DESTAQUE DO ANALISTA

No Sul do país as adversidades climáticas verificadas em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita da 1ª safra, além de ter afetado a qualidade do grão, deve resultar numa expressiva quebra da produção. Provavelmente, após o carnaval, o volume de produção a ser colhido seja insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma melhor remuneração do produto.